

NOTA DO EDITOR

A INTENSIFICAÇÃO DA VIDA

We have experienced a progressive series of losses that has left us in a world of contingency and relativity . We are never able to say of any value or experience, "it must be". Because we are aware that it could just as well be otherwise. The death of God and the disappearance of a unified and single subject as legacies of the nineteenth century are perhaps the most vivid of our losses, although they entail other losses, such as the end of the meaning of history and the closure of the book as a source of wisdom.

[...]

If we say yes to writers and artists as diverse as James Joyce, Alain Robbe-Grille, Jorge Borges, Anselm Kiefer, and Pablo Picasso, we are saying yes because we have experienced a resonance with forces that have come to expression, although not necessarily representation, in their discourses. We say yes to these writers and artists because these forces augment our own thinking with an intensity that we value. There is a vitality in the resonance and recognition that is easily lost in the commodification of ordinary thinking. Both elements, resonance and recognition, are ingredients in the intensification of life.

Charles E Winquist¹

A conjunção entre história e teoria faz avançar a eficácia crítica na reavaliação do consumo de drogas. O racionalismo triunfante e o sistema político-legal moderno, a partir do século XIX, destituíram o uso arcano de psicoactivos no espaço mítico e ritual, o que, na verdade,

¹ Charles E. Winquist, *Desiring Theology*. Chicago e Londres: University of Chicago Press, 1995.

foi sempre uma prática distintivamente marginal e criminalizada na história do cristianismo ocidental. Na ordem moderna, porém, a droga foi jurídica e cientificamente des-sacralizada e parte do drama actual da droga é porque este tipo de consumo constitui um sintoma distópico particular da des-mitologização mais vasta representada pela quebra mítica moderna. Este é o argumento de Carlos Farate, num texto apresentado, originalmente, como a Oração de Sapiência, na Abertura Solene do Ano Lectivo do Instituto Superior Miguel Torga, em 24 de Novembro de 2004. A atenção pelos processos históricos do consumo de drogas não serve, no entanto, apenas para contextualizar o problema, na passagem do tempo. A articulação crítica entre história e teoria enfatiza, em particular, o facto de que a globalização da cultura e da mercadoria, mais do que um fenómeno do século XXI, constitui uma dimensão intrínseca da modernidade que conhece hoje uma intensificação das suas práticas e valores, conforme a própria vida se intensifica.

A intensificação da vida, na experiência contraditória contemporânea, é abordada, neste artigo, segundo a perspectiva de que, num mundo de culturas urbanas, a decadência urbana tende a tomar a forma de uma 'decadência suburbana'. O que está aqui em causa, verdadeiramente, não é, porém, a hierarquia entre centro e periferia da cidade, mas uma suburbanização da magia da cidade ou uma falência entre procura mágica e perda mitológica. Numa época relativista acerca do significado da vida e do tempo, esta crise mítica universal é instanciada pelo consumo de drogas. E a ironia é que nunca houve tanta oportunidade de viver a vida intensamente, na pulsação entre tecnologia, consumo, cultura e subjectividade, mas, ao mesmo tempo, a vida vai-se embora com maior intensidade ainda. O consumo de drogas parece uma manifestação deletéria desta dificuldade de uma verdadeira experiência radical de intensificação da vida. Ou seja, a força de um momento da vida maior do que a vida, reconhecida, ancestralmente, na reunião entre arte e espírito. A morte de Deus hoje consumida no abismo da droga é a perda desta ressonância entre tempo e eternidade.

No nosso texto seguinte, Vasco Almeida descreve, criticamente, o terceiro sector ou economia social como uma dimensão complexa da crescente indefinição entre o público e o privado na sociedade contemporânea. Esta indistinção é, frequentemente, observada como constituindo uma crise da responsabilidade social e um crescimento da privatização, na origem de novas injustiças económicas. A interpretação do autor vai, no entanto, no sentido de uma lógica sócio-

económica ou ponto de contacto entre economia de mercado e economia social. O terceiro sector constitui, no campo da economia e da teoria económica, uma nova direcção prática e analítica que contraria tanto o criticismo mais recente, como, sobretudo, os modelos críticos convencionais da tradição neo-clássica.

A análise de redes sociais, do ponto de vista da análise quantitativa, é o tema do artigo de Luis Soczka, numa densa revisão crítica do modelo de equilíbrio estrutural de Heider. Por seu lado, Clara Santos discute o processo formativo da identidade profissional, a partir da dualidade constitutiva entre subjectividade e valores colectivos em toda a identidade socialmente construída. José Vasconcelos e Sá, finalmente, inscreve o seu texto na discussão actual de que a experiência da modernidade representou uma experiência transformativa radical, porque, fundamentalmente, radicalizou a linguagem como o princípio da criação humana da realidade. Esta questão de que a modernidade é a linguagem, fundamental na tensão entre Iluminismo e (pós-)estruturalismo, é inquirida, por Vasconcelos e Sá, através da contraposição entre Emmanuel Kant, crítica (pós-)estrutural e a hermenêutica de Gadamer.